

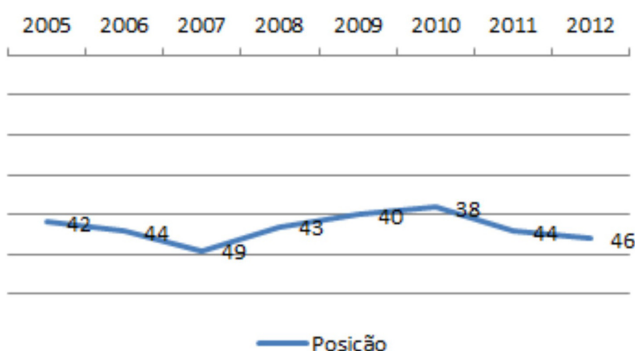
WORLD COMPETITIVENESS YEARBOOK 2012 Brasil fica em 46º lugar no ranking internacional de competitividade

Síntese dos dados coletados pela pesquisa mundial sobre competitividade, realizada pelo IMD. No Brasil, a Fundação Dom Cabral é responsável pela pesquisa, com a coordenação do Prof. Carlos Arruda e apoio técnico de Fabiana Madsen e Daniel Berger. (Núcleo Bradesco de Inovação)

World Competitiveness Yearbook 2012, divulgado pelo IMD e FDC, coloca Hong Kong em primeiro lugar, seguido por EUA e Suíça; Brasil cai da posição 44 para a 46.

Brasil vem apresentando condições favoráveis para um crescimento sustentável de longo prazo, mas ainda convive com dificuldades típicas de um país que enfrentou séculos de obstáculos ao desenvolvimento.

Essa realidade pode ser constatada no mais recente ranking de competitividade – o World Competitiveness Yearbook (WCY). O Brasil passou da 44ª para a 46ª posição em 2012, em uma classificação que abrange 59 países. No ranking anterior, o Brasil também tinha perdido posições, quando passou do 38º (2010) para o 44º lugar (2011), como demonstra os gráficos a seguir.



Fonte: IMD/ elaboração própria

O WCY é realizado pelo IMD Business School em parceria com a Fundação Dom Cabral no Brasil e avalia como diferentes países gerenciam sua economia e seus recursos humanos e naturais para garantir prosperidade e bem-estar social. Ele toma como base dados estatísticos de cada nação e a opinião de 4,2 mil executivos, visando comparar, anualmente,

a capacidade dos países de competir de forma sustentável no cenário internacional.

O resultado indica que o país ainda tem um longo caminho a percorrer em busca da excelência na competitividade. Os países que ficaram nas primeiras posições, por exemplo, conquistaram a liderança com base em fatores como crescimento do comércio internacional, na participação de pequenas e médias empresas na economia, na sustentação da indústria e na disciplina fiscal.

A situação brasileira no contexto do ranking

No caso brasileiro, um dos principais fatores de perda de posição do ranking está relacionado com a queda de produtividade da economia brasileira, como já sinalizado no relatório anterior. Neste ano, outro importante indicador relacionado às perdas de posição no ranking é o de “crescimento real do PIB”. Entre 2010 e 2011, o PIB apresentou um crescimento tímido, quando passou de R\$ 2,1 trilhões para R\$ 2,47 trilhões.

Em termos reais (ou seja, descontando a inflação), esse crescimento torna-se ainda menor. Apesar de todo o aquecimento da economia e da expansão da renda, o produto do país não está crescendo em um ritmo adequado. Entre os anos aqui considerados, o crescimento real do PIB caiu de 7,5%, em 2010, para 2,7%, em 2011. A perda de posição desse subfator também é bastante correlacionada às perdas de posição no subfator preço.

Segundo estudos do IPEA, a elevação tímida do PIB e a desaceleração da taxa do crescimento estão relacionadas a vários fatores:

- à apreciação (valorização) da taxa de câmbio (R\$/US\$), que fez com que o setor industrial desacelerasse a produção de insumos em prol da importação dos mesmos;
- à política fiscal que desacelerou o ritmo de crescimento dos gastos públicos, ao acúmulo indesejado de estoques pelos empresários, que não tiveram demanda satisfatória para seus produtos;
- à política monetária contracionista, que diminuiu a taxa de expansão da economia com o aumento dos juros e as restrições ao crédito ao longo do ano; e
- ao conturbado momento europeu de crise, que deteriorou as expectativas e o estado de confiança dos empresários.

Outro fator crítico para a competitividade brasileira foi a perda de 11 posições no subfator Investimento internacional, tendo o país saído da 19ª para a 30ª colocação entre os 59 países pesquisados. O elemento determinante dessa perda foi a redução do fluxo de investimentos do Brasil para o resto do mundo. Em 2011, houve uma reversão na direção dos investimentos diretos no exterior, e as empresas retornaram US\$ 9,3 bilhões para o país, reduzindo o estoque acumulado de investimentos em US\$ 148,37 bilhões. Essa diminuição da presença de empresas brasileiras no exterior, contudo, não afetou a atração de investimentos diretos para o país.

Em 2011, o país recebeu US\$ 66,66 bilhões em investimentos diretos, o que correspondeu a 2,69% do PIB. Segundo dados do Banco Mundial, o país acumulou, em 2011, um total de US\$ 472,58 bilhões em investimentos diretos. Já segundo a CEPAL, no ano de 2011, a América Latina como um todo recebeu um volume recorde de investimentos estrangeiros. Além do Brasil, que representou 43,38% do total, México, Chile e Colômbia receberam US\$ 19,4, US\$ 17,3 e US\$ 13,2 bilhões, respectivamente.

Segundo Carlos Arruda, professor da Fundação Dom Cabral e responsável pela coleta e análise dos dados da pesquisa relacionados ao Brasil, a perda de oito posições nos últimos três anos tem explicação. “Apesar dos pontos extremamente fortes da economia brasileira, como o dinamismo econômico e a força do mercado consumidor, fatores como o frágil crescimento econômico do produto

interno, a baixa produtividade de suas indústrias e as pressões inflacionárias acabaram por combalir, nos últimos anos, a competitividade nacional.

Por outro lado, o Brasil apresentou significativos avanços no Emprego (ganho de cinco posições, ocupando o 6º lugar no ranking) e na infraestrutura (ganho de seis posições, no 45º lugar no ranking). A Eficiência dos Negócios continua sendo o pilar de maior força e estabilidade competitiva do Brasil, ocupando o 27º lugar (ganho de duas posições). “Isso sinaliza para a força das práticas de gestão no país, as quais representaram um avanço de oito posições no ranking, e das atitudes e valores da sociedade e do empresariado, que evoluíram quatro posições em 2012”, conclui Arruda.

Hong Kong passa a liderar e deixa EUA em 2º lugar

De acordo com o World Competitiveness Yearbook 2012, os países mais competitivos da atualidade são Hong Kong, Estados Unidos e Suíça (veja quadro a seguir). Segundo o professor Stéphane Garelli, diretor do World Competitiveness Center, o relatório de 2012 foi influenciado pela recessão, tornando a economia mundial mais fragmentada e diversificada, o que obrigou os países a se dividirem em dois grupos distintos: os que estão buscando disciplina fiscal e os que estão priorizando o crescimento.

Fazendo uma análise geral dos países que mais ganharam e perderam posições no ranking, o prof. Garelli observa:

1. O mundo está cada vez mais dependente dos EUA para sair da recessão. Apesar da perda da primeira posição para Hong Kong, a economia americana, por seu tamanho, diversidade e interação com os demais países, é o único país capaz de tirar o mundo da recessão.
2. O modelo de sucesso dos países que ganharam posições no ranking – a exemplo de Suíça, Noruega e Alemanha – está baseado no crescimento do comércio internacional, na participação de pequenas e médias empresas, na sustentação da indústria e na disciplina fiscal.
3. Na outra ponta da linha estão os países que mais perderam posições. As principais causas, como visto, foram perda de participação no comércio internacional, redução da presença da indústria na economia e descontrole fiscal. Essa é a realidade atual de países como a Grécia, a Romênia e a Espanha.

As dez economias mais competitivas
World Competitiveness Yearbook 2012

País	Posição 2012	Posição 2011	Movimento
Hong Kong	1	1	0
Estados Unidos	2	1	-1
Suíça	3	5	2
Cingapura	4	3	-1
Suécia	5	4	-1
Canadá	6	7	1
Taiwan	7	6	-1
Noruega	8	13	5
Alemanha	9	10	1
Qatar	10	8	-2

Maiores ganhos e perdas no índice competitividade
World Competitiveness Yearbook 2012

Ranking / País	2012	2011	Δ
16 Emirados Árabes	82,486	73,188	9,299
3 Suíça	96,679	92,588	4,091
8 Noruega	89,673	86,313	3,360
36 Lituânia	63,422	60,211	3,211
11 Holanda	87,158	85,707	1,451
9 Alemanha	89,257	87,824	1,433
39 Espanha	61,118	66,675	-5,557
30 Tailândia	69,001	74,886	-5,885
15 Austrália	83,185	89,259	-6,074
55 Argentina	48,197	54,671	-6,474
35 Índia	63,596	70,649	-7,053
52 Colômbia	51,893	59,774	-7,880
53 Romênia	48,929	57,497	-8,568
58 Grécia	43,054	51,882	-8,828

Todos os países do BRICS perderam pontos no índice

O Brasil não está sozinho no grupo de países que perderam posições no ranking. Possivelmente não por coincidência, todas as nações que compõem o chamado BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) tiveram perdas significativas em seus índices de competitividade, como demonstrado na Tabela a seguir. Apesar disso, a Rússia e a África do Sul tiveram ganhos de uma e duas posições, respectivamente.

Os BRICS no World Competitiveness Yearbook

BRICs	Posição 2012	Posição 2011	Varição do Índice
Brasil	46	44	-4,519
Rússia	48	49	-3,217
Índia	35	32	-7,053
China	23	19	-5,331
África do Sul	50	52	-3,696

Desde o início da crise europeia, vem sendo colocado em xeque o comportamento dos países dos BRICs, que se saíram muito bem diante da crise econômica de 2008. Conforme aponta reportagem da The Economist, as maiores economias emergentes têm sido afetadas pela crise europeia em dois aspectos. Em primeiro lugar, a desaceleração da zona do euro diminuiu a demanda por exportações provenientes dos mercados emergentes. Em segundo lugar, os problemas nos sistemas bancários europeus diminuíram a oferta de crédito/empréstimos e aceleraram a repatriação de capital. Não está claro, contudo, se as economias emergentes conseguirão mais uma vez sair ilesos (ou pouco afetados) de uma nova recessão mundial.

A Índia, por exemplo, está em seu quinto ano consecutivo de perda de posições competitivas no relatório do World Competitiveness Yearbook (2008: 29ª posição; 2012: 35ª). Ao se posicionar entre os países com maior perda no índice de competitividade este ano, a Índia demonstra dificuldades para se manter entre os BRICS. Apesar do tamanho e potencial da sua economia, as perdas consecutivas nos indicadores associados a todos os fatores – mas em especial nas variáveis relacionadas à Eficiência do Governo e Performance Econômica – sugerem dificuldade das autoridades de manterem a inflação dentro de níveis saudáveis para manutenção do crescimento e estabilidade econômica. A perda de 14 posições no subfator emprego e 13 posições no subfator Estrutura Institucional sugere dificuldades de manter uma política de incentivo à atividade produtiva e à geração de emprego.

A China, por sua vez, reverte um quadro de ganhos de posições competitivas (2011: 19ª posição; 2012: 23ª). Os fatores para o declínio competitivo do país foram a combinação de inflação, perda de produtividade e redução da demanda internacional por seus produtos. O desafio do país para se manter competitivo está na garantia do crescimento do mercado doméstico como plataforma para o desenvolvimento econômico

e compensação para o declínio dos mercados norte-americanos e europeus sem criar uma bolha de aumento de preços e redução dos níveis de poupança. Os parceiros chineses responsáveis pela coleta de dados neste país indicam ainda que o governo central chinês precisa com urgência promover o crescimento das pequenas e médias empresas, favorecendo investimentos em tecnologia e produtividade, assim como o seu desenvolvimento empresarial.

A situação dos países da América Latina

As sete economias latino-americanas incluídas no relatório também perderam pontos no índice de competitividade em 2012. Apesar disso, o México ganhou uma posição relativa. A Venezuela se manteve na última colocação, posição que ocupa desde 2003.

De uma maneira geral, os países latino-americanos se caracterizaram por perdas significativas no fator Desempenho Econômico: Brasil (47ª colocação: -17), Argentina (50ª colocação: -11), Chile (25ª colocação: -8) e Peru (26ª colocação: -6).

América Latina	Posição 2012	Posição 2011	Δ Índice
Chile	28	25	-5,542
México	37	38	-0,845
Peru	44	43	-3,940
Brasil	46	44	-4,519
Colômbia	52	46	-7,880
Argentina	55	54	-6,474
Venezuela	59	59	-3,795

Como é a metodologia do Índice de Competitividade

O Índice de Competitividade é resultado da combinação de mais de 300 variáveis qualitativas e quantitativas que são agrupadas em 4 fatores e 20 subfatores:

- Performance Econômica (78 variáveis). Avaliação macroeconômica da econômica doméstica. É dividido em Economia Doméstica, Negócios Internacionais, Investimentos Internacionais, Emprego e Preço.
- Eficiência de Governo (70 variáveis). Avaliação das políticas públicas e performance do governo que impactam a competitividade. É dividido em Finanças Públicas, Política fiscal, Ambiente Institucional, Legislação Comercial e Ambiente Societário;
- Eficiência dos Negócios (67 variáveis). Avaliação do ambiente empresarial indutor de empresas capazes de aproveitar as características econômicas do país para competir no ambiente doméstico e internacional. É dividido em Produtividade e eficiência, Mercado de trabalho, Finanças, Práticas Gerenciais e Atitudes e valores.
- Infraestrutura (114 variáveis). Avaliação das condições humanas, tecnológicas, científicas e da infraestrutura básica disponível para as empresas. É dividido em Infraestrutura básica, Infraestrutura Tecnológica, Infraestrutura Científica, Saúde e Meio Ambiente e Educação.

O Relatório, na íntegra, pode ser encontrado no site do Núcleo Bradesco de Inovação, www.fdc.org.br/pt/pesquisa/inovacao/competitividade/Paginas/default.aspx